

REFLEXÕES DO FILME: “EDUCAÇÃO PROIBIDA” EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

Geferson Prediger

RESUMO

Buscamos nesta reflexão, alguns elementos que nos ajudam refletir sobre os fundamentos da educação sua importância ontológica para formação sócio-histórica da humanidade. O exercício privilegia uma leitura histórica, crítica e ao mesmo tempo dialética, tecendo subsídios que vislumbrem a realidade como algo construído pela própria humanidade ao longo dos tempos, em recíproca e relativa relação. Destaca também a importância do educador e da educadora no processo de construção de uma educação emancipadora, que valorize a realidade dos sujeitos, que inter-relacione a parte com o todo, o conhecimento significativo. Sobretudo, que busque educar para uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Educação – Histórico-Crítico – Justiça Social – Educador – Realidade – Sujeitos – Emancipação.

ABSTRACT

We seek in this reflection, some elements that help us reflect on the foundations of education their ontological importance to socio-historical development of mankind. The exercise focuses on a historical reading, critical and at the same time dialectical, weaving subsidies that envisage reality as something built by humanity itself over time in each other and relative relationship. Also highlights the importance of the teacher and educator in

the process of building an emancipatory education that values the reality of the subjects that inter-relate the part to the whole, meaningful knowledge. Above all, that seeks to educate for a more just society.

A preocupação com o “ensinar” perpassa sociedades e gerações ao longo da história da humanidade. Inúmeras pesquisas buscam aproximar-se do que seria o “ideal” deste ofício.

Desde os primórdios, a humanidade busca conhecer como se dá o processo de aprendizagem do ser humano, pesquisadores buscam explicações, fundamentadas em diferentes teorias e correntes filosóficas.

A filosofia ocidental em que se destacaram SÓCRATES, que foi professor de PLATÃO que por sua vez inspirou ARISTÓTELES, filósofos gregos que acreditavam ser preciso buscar explicações da realidade do mundo, nele mesmo, e não na religião ou na mitologia, questionavam o pensamento mítico, introduziam a razão como força motriz da explicação existencial. Entendiam que cada indivíduo age de acordo com seu perfil, que é único e determinado pela própria natureza.

Estas correntes filosóficas inspiraram, fundamentalmente, uma nova geração de pensadores que buscavam entender e dar explicação para o homem, a natureza, a política, a ética e a moral. A educação, por sua vez, deriva da existência humana e seu comportamento.

Estes conhecimentos científicos escolares, para se tornarem efetivo aprendizado, precisam ser significativos, ou seja, ter utilidade, relevância ao mundo real, ao cotidiano dos educandos, assim resumido: “Aprender é muito mais que memorizar fatos, é preciso dar significado ao que se aprende”. GOULART, 2002

Contudo, é fundamental perceber que conhecimentos são significativos ao efetivo aprendizado, nesse sentido, a pesquisa é um importante instrumento para construção do ciclo gnosiológico. Assim, Neste sentido, as diferentes e múltiplas linguagens produzidas pela humanidade ao longo da história da humanidade, são resultado de diferentes processos histórico-culturais, que refletem a construção da condição humana, a expressão do mundo, da cultura, pois somos nós, seres humanos, que atribuímos significados a nossa existência, ou seja, produzimos nossa existência. DEBORTOLI, 2002

Contudo, uma pergunta há muito tempo vem tomando espaço nos debates acadêmicos da educação, questionando sobre o fazer docente, sobre o que é preciso SABER e FAZER para ser professor educador? Segundo GAUTHIER, se faz necessário superar dois obstáculos fundamentais, “(...) o da própria atividade docente, por ser uma atividade que se exerce sem revelar os saberes que lhe são inerentes, e o das ciências da educação, por produzirem saberes.

A escola não deve ser um corpo estranho na comunidade, mas um instrumento de construção e disseminação do conhecimento universal e particular, sempre lincado com a realidade dos sujeitos.

“O processo de ensino-aprendizagem (...) está intimamente vinculado às práticas socioculturais e institucionais vividas pelo aluno em seu cotidiano, nas comunidades, nos grupos de convivência”. LIBÂNEO, 2012

O filme “Educação Proibida” nos faz refletir sobre o poder que o conhecimento carrega, quando assimilado pelas pessoas. Revela o conhecimento como meio de opressão ou libertação, que pode estar a serviço de determinada proposição/intenção.

Que as escolas, enquanto “veículo condutor” da disseminação do conhecimento, pode adotar inúmeras formas de interpor os conhecimentos acumulados pela sociedade, mas só terá o verdadeiro sentido libertador, se conseguir fazer com que as pessoas/crianças pensem, entendam como se aprende, como é a sociedade, de onde veio e para onde vai.

Lembro-me de que nos anos iniciais de minha educação (1ª a 4ª) séries, fomos estimulados a nos disciplinarmos com perfil do regime militar, na forma de organização, no comportamento, nas atitudes. Hoje, recordando aquele sistema de educação criado, percebemos que era simplesmente, uma réplica do regime militar, qual afinal, nossa educação permanece carregada de resquícios.

Acredita-se de que todo educador que busca construir uma educação emancipatória com os educandos, deve ser permanente pesquisador.

A pesquisa deveria ser elemento obrigatório para o planejamento na educação. Poderia ser ferramenta-base para avaliação do desempenho do ensino-aprendizagem do educador e educadora. Ser cobrado e monitorado pelas supervisões pedagógicas nas escolas, buscando sempre, qualificar o processo educacional.

Acredita-se de que a significação no processo de ensino-aprendizagem é uma espécie de combustível, que pode alimentar o gosto e vontade de aprender, buscar conhecer sempre mais.

Se a significação é “força motriz” do conhecimento, é fundamental que o corpo de educadores, busque na realidade, a significância do planejamento educacional, associe e vincule ao saber acumulado universal, porém útil e necessário à vida cotidiana daqueles educandos.

É preciso considerar a realidade como síntese de múltiplos fatos e fenômenos, sendo realidade hu-

mana, incluindo a percepção, os saberes e o trabalho das pessoas.

A escola não é uma ilha, estando relacionada sistemicamente a uma totalidade constituída de elementos que se relacionam entre si, permitindo uma análise dialética do micro ao macro e vice-versa, situando o entendimento com o lugar, região, estado, país, mundo e voltando a ela. (grife NOSSO)

É preciso contrapor o sistema mecânico educacional, da “decoreba”, do conhecer por conhecer, da educação bancária como dizia FREIRE.

A Pedagogia Problematizadora instiga como ponto de partida da pesquisa os contextos vivenciados e os conhecimentos em direção a superação de noções ingênuas, preconceituosas e simplistas.

Buscando atender a questão: “...*como a comunidade escolar pode ensinar os alunos a aprenderem a construir os conhecimentos necessários à sua formação?*”, poderíamos perguntar primeiro, que formação queremos construir? Para projetar então que conhecimentos seriam necessários a formação daqueles sujeitos, teríamos portanto, fundamentalmente duas hipóteses.

Uma delas, a de construir uma educação dependente, catequética, doutrinada ao “mercado de trabalho”, que inevitavelmente aponta a uma educação bancária, como conceitua FREIRE. A outra, uma educação histórico-crítica, que segundo conceito de SAVIANI, resume:

A natureza humana não é dada ao homem, mas por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada individuo singular, a humanidade que é produ-

zida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

Neste último, sugere uma construção da educação histórica e significativa com o sujeito, nunca “para” ele, sempre “com”. Remete ao esforço do educador, da comunidade escolar, através do conselho de classe, Associação de Pais e Mestres, instituições e agentes que são acima de tudo, espaços de participação popular, de formação e informação, desde que estimulados a tal, para compreender a natureza política da sociedade e que vivemos, da clareza da disputa de projetos das classes sociais, proletariado versus burguesia. Seria este ao nosso ver, o conhecimento necessário à formação do sujeito, para que desenvolva conhecimentos capazes de leitura da realidade também subjetiva, e sobretudo, tecendo possibilidades propositivas e emancipatórias.

A escola pode ser da comunidade! Quando essa, se sentir literalmente *domina* das estruturas escolares, quando decidir junto se responsabilizar pelas decisões que toma, seja de ordem material, social, cultural e institucional. Para que isso ocorra, é importante que se tenha bem definido as funções, responsabilidades e competências na organicidade escolar, para que não se confunda responsabilidade e autoridade em determinado processo, com centralismo e autoritarismo. Quando muitas vezes o diretor, acaba sendo o “testa de ferro” das ações do Estado na educação, pois a educação é reflexo do direcionamento político de uma sociedade, se tratando de uma sociedade que recentemente viveu um processo de ditadura militar.

É evidente que a figura do diretor representa um função destacada na escola. Contudo, não há receita a ser seguida, mas sim orientações gerais que a própria LDB aponta como fundamento genérico, e deixa flexível à criação na realidade. No entanto, certamente um dos fatores determinantes para que este

processo de gestão democrática na escola se concretize, passa pela formação do profissional na educação.

Se trata da qualificação de uma cadeia, que se volta à família, comunidade, educação infantil, fundamental, médio e superior, sobretudo, é possível que a formação profissional dos educadores e diretores escolares, devam estar carregada de discussões sobre o *método* a ser trabalhado na gestão escolar.

Não seria um dos papéis do diretor, coordenar, liderar, dividir tarefas? Quando muitas vezes se tem receio em *dividir*. Pois dividindo as tarefas, se divide conhecimento e poder, e quando muito, vemos diretores empoderados pelo poder público municipal principalmente, quando não elege o diretor da escola, mas indica, é o caso dos Cargos de Confiança.

Se traçarmos um paralelo com o ensino superior, artigo 56 da LDB, determina a composição de colegiados para gestão das instituições de ensino, observado princípios da gestão democrática, paridade e participação popular, contudo, reservam maioria das cadeiras à representação institucional. Revela-se aí, o receio da comunidade empoderar-se da instituição, do ensino, da educação. Logo, desafirma o enunciado no artigo 3.

Art. 56º. As instituições públicas de educação superior obedecerão ao princípio da gestão democrática, assegurada a existência de órgãos colegiados deliberativos, de que participarão os segmentos da comunidade institucional, local e regional.

Parágrafo único. Em qualquer caso, os docentes ocuparão setenta por cento dos assentos em cada órgão colegiado e comissão, inclusive nos que tratam da elaboração e modificações estatutárias e regimentais, bem como da escolha de dirigentes.

Mas como os interesses da comunidade podem ser interesses da comunidade?

Segundo SAVIANI (1992) in' caderno temático da UEL (2008), a escola "é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado e acumulado pela sociedade, não se tratando pois, de qualquer tipo de saber, e sim do conhecimento elaborado e não conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não a cultura popular.

Ressurge neste caso um tema polêmico em relação a escola e seu papel na sociedade, da maneira afirmada pelo autor, a escola seria um espaço para viabilização das condições de *transmissão* e *assimilação* do conhecimento, ou seja, ela não produz conhecimento! Ao nosso ver, a escola formada pelos sujeitos que dela e nela participam, principalmente os educandos, pode sim, construir conhecimentos. Acredita-se que o conhecimento, mesmo científico e acumulado pela sociedade, não é estático, mas sim dinâmico. Ou seja, está sujeito a adaptações e recriações, pois também foram concebidos da mesma forma.

A estrutura do currículo escolar é fundamentalmente essencial para a socialização dos saberes, acumulado pela humanidade, contudo, os processos de organização escolar e gestão são necessariamente dinâmicos, carregados de culturas, especificidades e concretudes de determinada realidade.

Segundo FREIRE, na escola há troca de saberes, obviamente alguns estabelecidos em currículo, por ser considerado de fundamental importância à formação humana, outros construídos e compartilhados a partir da realidade dos sujeitos.

Nesse sentido, a escola que fizemos as observações tem se esforçado para que a participação se efetiva cada vez mais. Atualmente a entrega de boletins tem sido um dos momentos de maior participação dos pais, além das atividades festivas e comemorativas promovidas pela escola. Tem viabilizado através de parcerias, a realização de programas educacionais promovidos

pelo governo federal, algo não tão comum às escolas do campo no município e região, como o programa Mais Cultura e programa Mais Educação. Sendo que através destes, se tem atraído mais a participação da comunidade junto a escola.

Como vimos, não há receita à participação e gestão escolar, contudo, a iniciativa criativa de ações que possam ser instrumento de fortalecimento da participação, sejam talvez a principal dica.

Todavia, é certo que educação é um processo inerente ao desenvolvimento das sociedades ao longo dos tempos, logo, percebe-se que não é estática, pois passa por transformações promovidas pelo meio, homem e natureza em seu tempo. Cabe a cada um e cada uma que acredita numa sociedade justa, de direitos assegurados, participativa e democrática, construir em cada espaço, um “desvelar” do mundo. Respeitando sempre as realidades e os sujeitos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 17.^a edição.

GAUTHIER, Clermont. Ensinar: Ofício estável, identidade profissional vacilante

MARX, Karl. O capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações. 10^a ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: Fundamentos ontológicos e históricos. Trabalho apresentado Educação na 29^a Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa e

Educação (ANPEd), realizada em Caxambu, MG, de 16 a 20 de outubro de 2006.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In.: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). Campo. Políticas públicas: educação. Brasília: Incra-MDA, 2008, p. 67-86. (Por uma Educação do Campo, n. 7. Coleção).